RESUMO
DA
HISTORIA DO CEARÁ

RESUMO

DA

HISTORIA DO CEARA'

CAMARA DOS DEPUTADOS

POR

J. Brigido.

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS.

(Reservados os direitos de auctor.)

FORTALEZA.

Typ. do «Libertador»

56 Rua do Major Facundo 56.

1885.

NS. 189100

CÂMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTECA
DOAÇÃO
0743/98
28/01/98

ADVERTENCIA.

Alguns amigos pediram-me escrevesse um resumo da historia do Ceará para uso das escolas primarias. Cedendo às suas solicitações, formulei as lições, que se seguem, compendiando o que se encontra nas diversas chronicas, e ensaios de historia especial d'esta parte do imperio.

O Ceará não tem ainda uma historia propriamente dita. Quanto se tem escripto consta de memorias, noticias de jornaes, chronicas, etc., tudo disperso, sem methodo nem systema.

Agora, é que se vão consolidando os estudos feitos por mim, Theberge, Pompeu e Araripe, ao ultimo dos quaes se devem as primeiras indagações, como se devem a mim as primeiras divulgações.

Ha de, pois, se resentir de algumas faltas o trabalho emprehendido, por isso que trata-se de resumir o que ainda não está systematisado, e plenamente desenvolvido.

Ceará—Novembro—1885.

J. Brigido.

ANTES DE TUDO.

O territorio do Ceará levanta-se do litoral para o interior em forma de rampa, servindo-lhe de extremo superior a cordilheira da Ibiapaba, que corre quasi em semicirculo,—fazendo de linha divisoria da provincia com Piauhy e Pernambuco.

Primitivamente, o oceano deve ter occupado o leito actual e as margens do Jaguaribe, do Acaracù e de outros rios. Aquella cordilheira com suas ramificações esteve a muito menor distancia do litoral do que actualmente.

Por effeito da corrosão, tem perdido muito de sua extensão, ao mesmo tempo que o mar tem recuado muitas legoas em consequencia do atterro resultante do deluimento das montanhas.

No decurso de alguns milenios, a região apresenta deformações consideraveis.

O fundo dos lagos, onde ora se encontra peixe petrificado, e ossadas de animaes antediluvianos, ordinariamente está muitos metros ácima do nivel dos terrenos, que primitivamente lhe foram superiores, e que, pela sua naturesa corroivel, cederão à acção das aguas.

DESCOBRIMENTO.

Não ha noticia da epocha precisa, em que pela primeira vez foi explorada a costa do Ceará. E' certo, porem, que antes de 1580, já era conhecida dos portuguezes, e que os francezes traficavam com os *Tapuyos*, selvagens que dominavam o litoral.

O primeiro estabelecimento, no solo cearense, foi o de Ibiapaba, onde os primeiros exploradores portuguezes encontraram o francez Mambille e alguns compatriotas deste vivendo com os *Tabajáras*.

O Ceará não tinha ainda esta denominação, que lhe veio mais tarde de outro Ceará (mirim no Rio-grande do norte). Seu litoral era conhecido pelas denominações de Jaguarive, Mucurive, e Camocim.

Pedro Coelho. Primeira tentativa de colonisação.

Os portuguezes, que tinham pequenos estabelecimentos em Olinda, Iguarassú, Itamaracá e Parahiba, e começavam a estabelecer-se no Rio-grande do norte, tentaram estabelecer-se tambem no Ceará,

Em 1603, Pedro Coelho de Souza, cunhado do donatario da Parahiba, Fructuoso Barbosa, e antigo capitão de uma galé do rei, concebeu a idéa de fundar, à sua custa e de alguns socios, uma capitania no Ceará. Obtendo da côrte a patente de capitão-mór, e outras concessões, como indemnisação de ter o rei tirado a

Parahiba a seu cunhado, e ajudado do governador Diogo Botelho, que então se achava em Pernambuco; começou seus preparativos, despachando da Parahiba tres barcos com munições, e mantimentos para o rio Jaguaribe.

Em junho d'aquelle anno, poz-se a caminho, por terra, com 200 indios às ordens de seus principaes *Batatan*, *Cara-guatin*, *Mandiocapuba* e *Guaratinguira* (este *potiguar*, e os tres primeiros *tabajarras*), e com 60 soldados commandados por Martim Soares Moreno, Simão Nunes Correia, e Manoel de Miranda.

Chegando ao Jaguaribe, encontrou os tres barcos, fez pazes com os indios visinhos, que se propuseram a acompanhal-o até Ibiapaba, e dirigiu-se pela costa, até a fóz do Camocim *(Pôte)* onde chegou no dia 18 de janeiro de 1604.

No dia 19, internou-se com sua gente, e à meia legoa do pé da serra, os expedicionarios foram recebidos com muitas frechadas, e até com tiros de mosquêtes, que dispararam 7 francezes, do sequito de Mambille.

Obrigando os aggressores a retirar-se, Pedro Coelho avançou, e 2 horas antes de pôr-se o sól, acampou ao pé da serra, onde não encontrou nem lenha, nem agua, e foi hostilisado grande parte da noite.

Foi um aguaceiro, que, pela madrugada, lhes veio matar a sêde.

Pela manhan, a carne de um cavallo, que levavam, serviu de refeição para os soldados, não chegando para os indios, que, entre grandes e pequenos, excediam de 5,000 pessoas.

A's 10 horas da manhan, ouviu-se um toque de cornêta entre a gente da serra, e um dos linguas de Coelho, francez, conhecido pela alcunha de *Tuhimmerim*, que os indios lhe tinham dado, pediu licença

para ir à falla com seus compatriotas do partido contrario.

A entrevista não aproveitou, e às duas horas começou a luta, que durou até a noite, retirando-se o inimigo para uma cêrca, que havia no alto. Atacando-a, Pedro Coelho perdeu 17 pessoas e houve varios ferimentos. Está cêrca, porem, foi tomada no dia seguinte, à custa de novas perdas, ajudando na defeza della 16 francezes com mosquêtes. Encontraram-se ahi muitos mantimentos, e a força portugueza descançou 20 dias; depois do que tomou outras duas cêrcas, uma ao chefe Jeroparyassù (diabo grande), outra ao chefe Mel-redondo (Ira-puan).

N'esta ultima foram presos 10 francezes, que Coelho mandou ao governador Diogo Botelho.

Feitas as pazes, por mediação dos proprios francezes, reuniram-se milhares de indios, que estavam com estes, e dirigidos por Mel-redondo e por outro chefe chamado Aba-Una seguiram com Pedro Coelho para a Parnahyba, que os indios chamavam Punaré. Era projecto de Pedro Coelho ir ao Maranhão; o que não realisou, porque sua gênte, já cançada e quasi núa, se oppoz a isto.

Coelho voltou ao Ceará, lugar Nova Lisbôa (hoje Mathias Pacheco) e, deixando ahi por capitão a Simão Nunes Correia, com 45 soldados e muitos indios, dirigiu-se a Parahyba, para trazer a mulher e filhos, e obter auxilio.

Simão Nunes, seus cabos e soldados, recolhidos a um forte, que construiram, esperaram por elle anno e meio.

Só depois deste tempo, voltou Coelho ao presidio de Nova Lisboa, vindo em uma caravella com a familia. Assegurava ter obtido soccorros que não tardariam a chegar em outro barco.

Effectivamente Diogo Botelho os mandou de Pernambuco, gastando n'isto, por conta da imposição dos vinhos, mil crusados, que deviam ser reembolçados em captivados que se fizessem na nova conquista.

Infelizmente, porem, foram confiados a João Soromenho, que em vez de os conduzir a Pedro Coelho, passou a captivar indios sem respeitar os que estavam em paz, e voltou a Pernambuco para os vender.

Soromenho foi mandado prender pelo rei por provisão regia e morreu em prisão por este crime, sendo os indios restituidos às suas terras com mantimentos e ferramentas.

Não chegando os soccorros promettidos e vendo-se os colonos sem roupa, e sem mantimentos, requereram ao Capitão-mór que se transferissem de Nova Lisbôa para mais perto de terra povoada, isto é, do Rio-grande do norte.

Coelho passou-se com todos para a fóz do Jaguaribe, margem esquerda, onde ficaram protegidos por um forte, que deve ter sido o de S. Lourenço.

Mas succedeu que Simão Nunes Correia, cançado de esperar, passou-se com sua gente para outra margem, e retirou-se para o Rio-grande, deixando Coelho e sua familia com 18 soldados mais ou menos, e estes estropiados.

Abandonado n'aquellas inhospitas plagas, sem bóte, nem jangada, ou meio de construil-a, Pedro Coelho resolveu voltar ao Rio-grande, com sua mulher e filhos, e os poucos que lhe restavam. Poz os filhos adiante, seguiram-nos os soldados, e elle e a mulher caminhavam atraz.

Os trabalhos começaram na primeira jornada. Caminhavam pela areia, e quando o sol aquecia, as crianças sentiam os pès de tal modo doloridos, que fazia

compunção o chôro dellas, acompanhado de lastima dos soldados, e dos gemidos da pobre mãe.

No segundo dia, o capitão-mór teve que carregar os dous filhos, que não podiam mais andar, e começaram as queixas pela falta d'agua; o que não se remediou, senão no dia seguinte, em que, encontrando uma cacimba, todos descançaram junto della dous dias.

O sexto dia, a marcha se effectuou com grandes receios dos indios, porque se viam fumaças, que se tiveram como de arraial de inimigos. Dentro em pouco, porem, dous inimigos peiores se apresentavam : era a fome e a sêde, que começavam a fazer victimas.

O primeiro que se enterrou foi um carpinteiro, e n'essa occasião os que não podiam mais andar, disseram ao capitão-mór que os deixasse ali ficar, que com a morte se lhes acabariam os trabalhos, como succedia a aquelle que ali sepultavam.

Animados por Pedro Coelho, proseguiram; mas não tardou a morrer outro homem; e então D. Thomazia, mulher do capitão-mór, ao ver os filhos em redor de si, disendo que não podiam mais com tanto soffrimento e antes queriam morrer, como aquelle homem, começou a chorar, disendo ao marido que salvasse elle a vida, que ella antes morreria ali com seus filhos.

Ouvindo taes exclamações, tambem os soldados choravam, e o capitão-mór, graças a sua muita constancia, animava a todos, promettendo-lhes que, dentro de pouco tempo, encontrariam agua.

Mas as duas cacimbas, que encontraram, chamadas —Amargosa e Guamare—eram taes que ninguem dellas pôde beber. Em compensação tiveram de passar uns mangues com lôdo até a cintura, onde ao menos encontraram alimento em uns caranguejos, *urutús*, que comiam, taes como encontravam.

D'ahi marcharam para as Salinas varios dias, e estando n'ellas, viram passar um barco; mas não conseguiram ser delle vistos, e pouco depois morreu o filho mais velho do capitão-môr, de dezoito annos de idade.

Acabaram de perder o animo todos os soldados, que se achavam tão fracos, que o menor vento os derribava.

Felizmente, por uma singular reacção, agora que todos os homens perdiam o animo, recobrava-o D. Thomasia, e a esta circunstancia providencial deveu a misera caravana chegar até o Rio-grande, bem que todos estivessem desfigurados como cadaveres. O capitão-mór, extenuado, morreu poucos dias depois.

Apesar do malogro d'esta tentativa de colonisação o territorio do Ceará ficou explorado, por esse lado, e alguns homens se fizeram praticos delle, entre estes, Martim Soares Moreno.

Segunda tentativa. Os jesuitas.

Em 1607 os jesuitas Francisco Pinto, e Luiz Figueira tentaram novamente fazer um estabelecimento, no Ceará, e escolheram para elle a Ibiapaba.

Em 20 de janeiro, partiram de Pernambuco em um barco, que carregava sal em Mossoró, e desembarcados ahi, seguiram por terra, tomando o mesmo caminho, que Pedro Coelho. Traziam uma comitiva de portuguezes e de indios do Rio-grande, já catechizados.

Em sua passagem pela região do Mucuripe fizeram amisade com o chefe tapuya *Amanay* ou Algodão, e com auxilio d'este fundaram as aldeias de Soure (Caucaia), de Arronches (Porangaba), de Mecejana (Paupina) e de Pitaguary.

N'estas aldeias foram reunidos os Pôtyguaras encontrados, da expedição de Pedro Coelho.

Estes jesuitas conseguiram dominar algum tempo os selvagens d'aquella serra, e fundaram uma consideravel aldeia, que Claudio de Abbreville chamou *Ararena*. Foram victimas, porem, da desconfiança delles. Atacados de sorpresa, Pinto perdeu a vida e Figueira difficilmente poude salvar-se.

O corpo do martyr foi conduzido mais tarde para Mecejana com grande veneração. Os indios, seus amigos, attribuiam grandes virtudes a *Paepina*, como lhe chamavam, até acreditando que tinha o dom de faser chover.

Martim Soares, o fundador.

As duas precedentes tentativas de colonisação não tinham produzido senão pequenas aldeias, em via de dissolução, quando Martim Soares Moreno, que commandava interinamente o fortim do Rio-grande do norte foi nomeado capitão-mór do Ceará.

Aqui chegou em 1609, trazendo, além de um capellão e dous soldados, o chefe Jacauna, potiguar, irmão do celebre Camarão, o qual lhe foi de grande auxilio.

Sob a proteção deste selvagem, que se diz ter se encabeçado da aldeia de Paupina, ou da de Caucaia, Moreno fundou o forte de Nossa Senhora do Amparo, no mesmo local occupado por Pedro Coelho, a saber, na barra do Ceará, então excellente ancoradôro. O rio dava navegação até immediações de Caucaia.

Póde se dizer que Moreno foi o fundador do Ceará, por isto que, graças à sua administração, as povoações começadas mantiveram-se e progrediram.

Em 1613, porem, teve de acompanhar Jeronymo de

Albuquerque, que passava para a conquista do Maranhão, então occupado pelos francezes, e adiantando-se para reconhecer a posição dos inimigos, não pôde mais regressar ao exercito expedicionario, combatido por ventos adversos.

Arribando às Antilhas, d'ahi foi ter a Madrid, d'onde só mui tarde regressou.

Este facto produziu o malogro da expedição Jeronymo de Albuquerque. Deixando seu acampamento de Jericoaquara com 40 homens abrigados em um fortim que edificou sob a invacação de N. Senhora do Rosario, este chefe recolheu-se ao Rio-grande do norte, sem ter adiantado cousa alguma.

Na ausencia de Moreno, que só voltou ao Ceará em 1617, governou a colonia Manoel de Brito Freire.

Jeronymo de Albuquerque organisou nova expedição, e em 1614 voltou no seu designio de conquistar o Maranhão, levando na sua passagem pelo Ceará um diminuto contingente de indios, commandados por um filho de Jacaúna. Esta sua passagem, segunda vez, pelo Ceará, nada innovou no sentido do povoamento da região.

Hollandezes.

A' expulsão dos francezes succederam-se novos perigos para a nascente colonia.

Em 1621 formou-se na Hollanda uma companhia de commercio, que tomou a si faser a conquista do norte do Brazil, começando suas operações logo em 1625. Moreno repellio, com os seus indios, uma primeira tentativa de invasão no Ceará; mas occupado o Recife pelos hollandezes, foi obrigado a deixar o seu presidio

para reunir-se ao general portuguez Mathias de Albuquerque, e não mais voltou.

Succedeu-lhe Domingos da Veiga Cabral, que em 1632 rechaçou os invasores n'uma segunda tentativa, que fiseram com dous baxeis de guerra.

Depois de varios successos, e tendo fallecido Cabral, os indios do Ceará resolveram entregar-se aos hollandezes, e enviaram ao principe Mauricio de Nassau, no Recife, uma deputação, assegurando-lhe sua obediencia. Os màos tratos, que jà recebiam dos portuguezes, os indusiram a este passo.

A pequena colonia era dirigida por Bartholomeu de Britto, quando aportou ao Ceará Joris Garstman enviado pelo principe, com 200 homens em 4 navios, e effectuou a conquista (20 de dezembro de 1637).

Os indios do Ceará foram empregados na conquista do Maranhão sob o commando de Jacob Everes. Este chefe foi morto no combate do Oiteiro em 26 de janeiro de 1643, perecendo com elle muitos dos seus auxiliares conduzidos do Ceará e Camocim.

A isto seguiu-se uma revolta dos selvagens, assim no Ceará onde surprenderam e mataram o commandante hollandez Gedeão Morritz e a sua guarnição, como no Camocim e Jericoaquara, ondè fiseram igual morticinio.

Antonio Teixeira de Mello, que, à frente dos portuguezes, tinha expellido os francezes do Maranhão, foi convidado a senhorear-se do Ceará, e assim o fez, pretendendo-se que Estevão de Campos Moreno, que succedeu a Gedeão, fôra nomeado por elle.

Ainda depois destes successos, os indios do Ceará attrahiram um navio procedente do Maranhão, cheio de indios e hollandezes, que tinham evacuado aquella ilha, e mataram a todos.

Os hollandezes, porem, voltaram a seu plano de

possuir o Ceará, e o conquistaram, só o deixando depois da perda do Recife, occorrida em janeiro de 1654.

Governava então Joris Garstman, que passou o governo a Alvaro de Azevedo Barreto, nomeado pelo governo de Pernambuco, sob cuja dependencia ficou desde então, como parte da capitania geral daquelle nome.

Povoação do interior.

Foi no longo periodo da guerra hollandeza, que o interior do Ceará começou a receber população de origem portugueza. Muitas familias tiveram de abandonar o litoral para viver nas matas, occupando-se de plantações, ou no sertão criando gados. Fundaram-se então as primeiras fasendas de criar no alto sertão da Bahia, Sergipe, Pernambuco e Parahyba, e d'ahi os sertanistas foram seguindo até o alto Jaguaribe, etc.

O gado, que situavam, originariamente, importado das ilhas portuguezas, teve um incremento espantoso.

Pelo litoral vieram tambem povoadores para o Ceará, sendo quasi exclusivamente de Pernambuco, Parahyba e Rio-grande.

Desta origem são as familias, que primeiro se estabeleceram na bacia do Acaracù, rios e ribeiros ao norte de Mucuripe.

O desenvolvimento da industria pecuaria concorreu poderosamente para extincção dos selvagens, que se acharam em luta perpetua com os colonos. Povos nomades sem noções da propriedade, e vivendo da caça, da pesca, dos fructos silvestres e do cultivo da mandióca; os tapuyos nunca poderam respeitar os gados, que se criavam nos campos, e por amôr d'isto eram mortos, captivados ou expellidos do solo. Formavam-

se *bandeiras*, ou bandos de homens armados de carabinas que lhes davam caça, de propria autoridade, algumas vezes de ordem dos governadores.

João de Barros Braga, depois governador do Rio-grande, foi um dos conquistadores mais desapiedados.

Occorria tambem que os colonos portuguezes, ou de raça portugueza, viviam em continuas guerras por amôr das terras, que se distribuiam; e os indios eram empregados como seus soldados, perecendo às centenas em combates repetidos.

D'estas guerras a mais cruenta foi a dos Montes e Feitosas, que disputavam as terras das cabeceiras do Jaguaribe; homens sanguinarios e rixosos, que aliás não eram mais crueis do que os outros criadores estabelecidos no paiz.

Aos assassinatos e expulsões parciaes se juntaram outros motivos de destruição: as seccas repetidas, e as molestias importadas pelos brancos, as quaes acharam pasto na naturesa do indigena, sobre tudo a variola, que que fez estragos inauditos.

Foi assim que se operou a quasi extincção do elemento tapuyo no Ceará, salvando-se mui poucos da raça pura nos aldeiamentos do litoral, onde havia mais ordem e protecção, e na serra da Ibiapaba, menos accessivel aos devastadores e às molestias por elles importadas.

Ao contrario d'isto, o gado bovino, destinado a succeder, no solo cearense, ao homem, que o tinha possuido, era já em quantidade consideravel no meiado do seculo 17.

O systema empregado no tratamento delle communicou aos homens habitos e sentimentos de crueldade. D'ahi veio cobrir-se a terra de assassinos. Os costumes resentiram-se, muito tempo, da influencia da industria pecuaria.

Continuação da catechese. Lutas dos indios. Distribuição das terras.

Livre o paiz do jugo dos hollandezes, os jesuitas voltaram a seus trabalhos de catechese, começando pela Ibiapaba, sob a direcção do celebre padre Antonio Vieira, que alli foi em pessoa dirigil-os.

Em 1697, estes padres fundaram um hospicio n'aquella serra, e em 1722 um outro no Aquiraz, o qual durou até a extincção da ordem.

Houve tambem outras missões no territorio cearense, sendo mais notaveis as de S. João e S. Matheus na margem do Jaguaribe.

A côrte de Lisbôa expediu diversas ordens e regulamentos para manter-se a liberdade dos indios, que eram captivados pelos colonos e para cuidar-se da educação e christianisação delles, em tudo submettidos ao regimen dos menores.

Desconfiados, porem, e refractarios à civilisação europea; perseguidos pelos colonos, a quem damnificavam, e divididos em tribus que se hostilisavam, elles viveram em continuas revoltas, perecendo, ou internando-se para os sertões.

Em 1660, os tabajarras revoltaram-se contra os jesuitas em Ibiapaba, e fiseram o padre Antonio Ribeiro vir abrigar-se no presidio do Ceará.

Por occasião da secca de 1692, os *Icós e Cariris* atacaram as fasendas de criação do alto Jaguaribe e obrigaram os colonos a procurar o mesmo refugio.

Em 1700, os *Jucás* fiseram grande matança nos *quixelous*, no arraial de S. Matheus.

Uma das revoltas mais sangrentas foi a dos annassês. Estes barbaros unindo-se a outros atacaram o Aquiraz em 18 de agosto de 1713, e, fugindo a popula-

ção, alcançaram-na, junto a Mecejana, matando mais de 200 pessoas.

Entretanto ia-se fasendo a divisão do solo, que lhes era conquistado. Esta partilha começou em 1663 pela sesmaria das terras da visinhança do forte de N. S. da Assumpção; foram concedidas a Felippe Coelho, a começar do riacho Ipujuca (Pagehù) com tres legoas para léste e para o sul. Procedeu-se a isto porem com tal confusão, que foram innumeras as demandas por limites, e os combates entre as familias, arrastando ainda maiores perdas para os indios.

Administração.

Após a expulsão dos hollandezes, e em virtude de uma ordem regia de 1668, o territorio do Ceará continuou, como o da Parahyba e Rio-grande do norte, sob a jurisdicção do capitão general de Pernambuco. De Lisbôa se lhe nomeava um capitão-mór, subordinado a aquelle, sendo que só Estevão de Campos serviu de ordem do governador do Maranhão, isto porque Pernambuco estava ainda occupado pelos hollandezes.

O governo do Maranhão, porem, exerceu jurisdicção sobre a Ibiapaba muito tempo depois.

A partir de Alvaro Botelho até Francisco Gil Ribeiro, cujos actos conhecidos alcanção até 22 de dezembro de 1702, governaram o Ceará 14 destes capitães-móres, que em principio pouco mais eram do que commandantes do presidio, excedendo-os em poder e influencia o ouvidor da comarca.

No governo d'este ultimo (16 de julho de 1700) inaugurou-se a primeira villa, cujo termo comprehendia o territorio de toda capitania. Os homens principaes da colonia escolheram para séde d'esse termo o

lugar Iguape (Aquiraz) contra o voto de Francisco Gil Ribeiro, o que foi parte para um litigio mui longo, conflictos e mortes entre dous partidos, que se levantaram, a saber os militares, que queriam a villa no lugar do presidio e os plantadores que opinavam pelo Aquiraz.

Apesar de ordens positivas de Lisbôa e Pernambuco para que a villa fosse n'este ultimo lugar, ella só se estabeleceu ahi definitivamente em 1713, tendo estado ora no Aquiraz, ora na barra do Ceará, e ora no local da cidade da Fortaleza.

Só em 1726, pela creação de uma outra villa n'esta ultima localidade, terminaram as desordens por este litigio, bem que se perpetuasse um certo antagonismo entre as duas villas.

A administração da justiça era feita por um ouvidor, cuja jurisdicção comprehendia tambem a Parahyba e Rio-grande. Foi em 1723, que se creou uma ouvidoria especial para a capitania, sendo o primeiro nomeado—José Mendes Machado, conhecido por *Tubarão*.

Os ouvidores estavam quasi sempre em antagonismo com os capitães-móres, e davam lugar a desordens sérias pela sua má conducta.

Tubarão, em luta com o capitão-mór, com a camara e com a população do Aquiraz, era sustentado pelos Feitosas, e combatido pelos Montes, duas familias, que andavam em guerra no alto Jaguaribe.

Em 1724, deu-se um combate no Aquiraz, no qual morreram 30 pessoas, ficando vencedores os Feitosas; mas o ouvidor acabou por fugir para o Acaracû.

A. Machado succedeu Antonio de Loureiro Medeiros, que, findo seu tempo, não quiz passar o exercicio ao successor Pedro Cardoso de Novaes Pereira, e se refugiou tambem no Acaracû, conduzindo para alli todos os archivos. Loureiro tinha aberto uma luta com os jesuitas, que se queriam estabelecer no Aquiraz, e

favorecia os frades de outras ordens. Preso e remettido para o Rio-grande, d'alli foi transferido para os carceres de Lisbôa.

Em cada villa, alèm de uma camara para o governo edil e juizes ordinarios e de orphãos para a administração da justiça, havia um capitão-mór e um sargento-mór, chamados de *ordenanças*, incumbidos da policia. Havia tambem corpos de milicias com soffrivel organisação.

Depois das duas villas do litoral, crearam-se, no periodo do governo de Pernambuco, as seguintes :

Icó	1729
Aracaty	1747
Viçosa e Mecejana	1759
Crato e Monte-mór	1764
Granja	1776
Sobral	1779
Quixeramobim	1789
Villa-nova de El-rei	1791

A administração da fasenda, que era feita pela Provedoria do Rio-grande, surcursal da Junta do Fasenda do Recife, foi separada em 1701, creando-se no Ceará uma Provedoria especial, a qual durou até 1799.

Até esse tempo tinham succedido a Francisco Gil Ribeiro 21 capitães-móres, sendo, ao todo, 35 os que tinham governado o Ceará, a partir da segunda expulsão dos hollandezes, atè a separação da capitania; a saber:

No 1º periodo—Alvaro de Azevedo Botelho, Diogo Coelho de Albuquerque, João de Mello de Gusmão, João Tavares de Almeida, Jorge Correia da Silva, Bento Correia de Figueiredo, Sebastião de Sà, Bento de Macedo Farias, Thomé Cabral de Olival, Fernão Carrilho, Pedro

Lelou, João de Freitas Cunha, Antonio Pinto Pereira, Francisco Gil Ribeiro;

No 2º periodo—José de Barros Leite, João da Matta, Gabriel da Silva Lagos, Francisco Duarte de Vasconcellos, Plácido de Azevedo Falcão, Manoel da Fonseca Jaime, Salvador Alves da Silva, Manoel Francez, João Baptista Furtado, Leonel de Abreu Lima, Domingos Simões Jordão, Francisco Ximenes de Aragão, João de Teive Barreto de Meneses, Francisco da Costa, Pedro de Moraes Magalhães, Luiz Quaresma Dourado, Francisco Xavier de Miranda Henrique, João Balthasar de Quevedo Homem de Magalhães, Antonio José Victoriano Borges da Fonseca, João Baptista de Asevedo Coitinho Montaury, Luiz da Motta Féo e Torres.

Estado economico.

Até então (1799) todo commercio do Ceará era feito com as praças da Bahia, de Pernambuco e do Aracaty. Os sertanejos vendiam alli os gados, e se proviam de fasendas e artigos importados exclusivamente de Portugal.

A villa do Aracaty, nos ultimos tempos, tinha attingido à grande prosperidade e servia de interposto do commercio de Pernambuco com a capitania. Ahi fasiam-se annualmente charqueadas de 20 a 25 mil bois, e se vendia cerca de 160 contos de fasendas trasidas d'aquella praça, para onde se expediam annualmente cerca de 60 mil meios de sóla, 35 mil couros de cabra e 3 mil pelicas (camurças).

Era pequena a cultura do algodão, e só com a perda dos gados, em 1792, se desenvolveu o cultivo delle, de sorte que tres annos depois já se exportava para alli 18,000 arrobas.

Segundo o regimen economico colonial, não era licito á capitania ter commercio directo com Portugal. O Brasil inteiro só com este podia commerciar.

Segundo os recenseamentos conhecidos, em 1775, a população do Ceará era de 34:000 almas. Como se tenha observado que ella duplica dentro de 20 annos, quasi se póde affirmar que em 1799 era de 85:000. Este calculo èstà mui de accôrdo com os estudos feitos posteriormente.

A industria da capitania consistia, além da criação e plantio do algodão depois da secca, na cultura da canna e cereaes para o consummo. A canna foi introduzida primeiramente no Cariri, vinda de Pernambuco e da Bahia, por occasião da secca de 1792, que, pode dizer-se, foi um estimulo para os trabalhos agricolas, té então mui descurados.

Desde o começo da colonia, a raça alienigena começou a captivar os antigos senhores do paiz. As successivas medidas tomadas pelo governo de Lisbôa, por solicitação dos jesuitas, pozeram termo a esta atrocidade, sendo isto parte para a introducção de africanos importados d'aquellas duas praças, depois que cessou o dominio hollandez.

Os escravos, pois, que existiram na provincia, tinham essa dupla origem.

São do tempo de Pedro Coelho as noticias, que se tem de seccas espantosas no Ceará, estando hoje averiguado que ellas constituem phenomenos permanentes n'esta região, obedecendo a uma lei immutavel, que tem necessariamente de influir na industria, costumes e instituições do paiz.

As seccas repetem-se, formando cyclos de 100 annos.

A de 1692 corresponde à de 1792; as de 1725, 1745 e 1777 às de 1825, 1845 e 1877.

D'estas calamidades ficaram tristes recordações. A de 1725 foi tão grande, que fez séccar até os correntes do Cariri. A de 1777, que durou até 1778, fez perecer sete oitavos do gado existente na capitania. A de 1792, finalmente, chamada secca grande, começou em 1791 e só teve fim em 1793. Os sertões se despovoaram, e dos retirantes, que se agglomeraram no Aracaty, 600 pereceram. A' fome se associou a variola, que já n'outras epochas tinha visitado o Ceará, e tem sido inseparavel da secca. Um terço da população succumbio ao flagello.

Governadores independentes de Pernambuco.

Por acto do governo de Lisbôa, de 17 de janeiro de 1799, a capitania do Ceará foi declarada independente da de Pernambuco.

Nomeou-se-lhe um governador, e creou-se uma junta de fasenda, da qual elle era o chefe, devendo servir de fiscal o ouvidor da capitania. A contabilidade ficou a cargo d'um escrivão deputado, sendo escolhido para este lugar o celebre Francisco Bento Maria Targeni, que morreu—visconde de S. Lourenço, e foi thesoureiro do real erario do Rio de Janeiro, onde deixou ingrata memoria.

O commercio de Pernambuco se mostrou hostil à emancipação da capitania pelo facto de ficar esta em liberdade para commerciar directamente com a metropole.

O primeiro governador do Ceará foi o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos, que se fez acompanhar d'um secretario, o Dr. Francisco Luiz de Mariz Sacramento, e d'um engenheiro e naturalista Dr.

João da Silva Feijó, o qual prestou à nascente povoação da Fortaleza serviços relevantes, montou diversos laboratorios para aproveitar o salitre que descobriu em Ubajarra e outros sitios, e fez estudos valiosos da naturesa no Ceará.

Bernardo Manoel era homem de bôa indole, mas d'uma beatice que o amesquinhava. Em luta com Targine, que procurava cortar nas despezas com a exploração do salitre, soffreu amargos desgostos e morreu na Fortaleza, sendo succedido por João Carlos Augusto Ocynhausem de Grewenbourg, fidalgo da Côrte.

João Carlos trouxe de Lisbôa commissão especial de prender o coronel Manoel Martins, potentado de Villa nova, accusado, perante a rainha, de um assassinàto.

Com muita audacia e certa tactica realisou esta perigosa diligencia, que lhe deu muito prestigio, e em todo seu governo mostrou-se um caracter elevado, e homem talhado para o papel eminente, que veio a representar.

Succedeu-lhe Luiz Barba Alardo de Menezes, fidalgo tambem da Côrte, e distincto administrador. Coincidindo o seu governo com a abertura dos portos do Brazil ao commercio estrangeiro, procurou, com decidida habilidade, fomentar as relações da Fortaleza com a Inglaterra, deu impulso á navegação directa, cuidou da lavoura, introduziu diversas industrias na capitania, recenseou a população, e finalmente concorreu poderosamente para o adiantamento da capital.

A este administrador succedeu o coronel Manoel Ignacio de Sampaio, rixoso e mão, enfezado, cioso da sua autoridade, violento, e em extremo servil ao rei e aos grandes da Côrte.

No seu governo, deu-se o movimento republicano de Pernambuco (16 de março 1817), que teve uma fraca

repercursão na villa do Crato. O seminarista José Martiniano de Alencar, com sua familia e alguns amigos, fiseram alli uma manifestação mais ousada do que perigosa à causa da realesa, e foi isto parte para atrozes perseguições, não só n'aquella villa como em outros pontos da capitania.

Este governador impoz à cidade nascente o seu alinhamento observado até hoje, reedificou a fortaleza de N. S. da Assumpção, erigiu a casa do mercado, e outros edificios.

Fechou a serie dos governadores o capitão de mar e guerra Francisco Alberto Robim, avàro, devoto e poltrão, que fez uma tristissima figura.

Movimento constitucional.

No governo de Robim, os amigos de Sampaio, despeitados pelas attenções que aquelle dispensava a seus antagonistas da capital, adheriram ao movimento portuguez, que deu lugar à reunião do congresso de Lisbôa, e à transformação dos governos das capitanias brasileiras em jùntas administrativas, sob a influencia dessa assembléa.

Duas revoltas successivas da força de linha na capital, fiseram Robim passar o governo a uma junta organisada pelos constitucionaes, com a denominação de governo temporario (3 de novembro 1821) e sob a presidencia do commandante da força de linha, Francisco Xavier Torres.

Este governo se converteu em outro chamado—provisorio, nomeado pelos eleitores, que tinham sido convocados para escolherem seis deputados ao congresso de Lisbôa.

Independencia.

A invasão derradeira de Portugal pelos francezes obrigou o principe regente, que depois foi D. João VI, a deixar a Europa em 1808, vindo estabelecer a sua côrte no Rio de Janeiro, em quanto Portugal ficava na immediata dependencia da Inglaterra, e sua população sob a tyrannia deste alliado.

Reduzido virtualmente à provincia do Brasil durante o protectorado inglez, e empobrecido pela liberdade do commercio da colonia, favor arrancado à fraquesa do principe pelos seus protectores; o antigo reino revoltava-se contra a ordem de cousas estabelecida, e queria sobre tudo rehaver a sua colonia, collocada, desde 1815, em igualdade hierarchica, com o titulo de— reino do Brasil.

Foi n'estas condições, que rebentou na cidade do Porto (24 de agosto 1820) o movimento que produziu o congresso de Lisbôa, e o projecto de uma constituição para a velha monarchia.

Esta assembléa convulsionou as provincias brasileiras, e apoderou-se do governo de Portugal, em quanto, no Brazil, os velhos governadores succumbiam à revolta dos constitucionaes, sendo succedidos por juntas governativas, e commandantes de armas da sua parcialidade.

Como meio, entretanto, de annullar a preeminencia adquerida pelo Brasil, e restaurar os monopolios, o congresso forçou a retirada do rei para Lisbôa (24 de abril 1821).

D. João se decidiu à reemigração, pelo receio de vir a perder aquella corôa; mas, não tendo confiança na subserviencia do povo brasileiro, pretendeu acautellar seus dominios do Brasil, fasendo-se substituir no Rio de Janeiro por seu filho, o principe D. Pedro.

Esta medida ateou as rivalidades, parecendo ao congresso que d'est'arte ficava implicitamente reconhecida a autonomia do Brasil.

A insistencia delle em arrancar do Rio de Janeiro a D. Pedro, feriu a susceptibilidade do principe e tomou o caracter de um conflicto; e quando o velho rei, em coacção, conveio em faser a concessão ao partido constitucional, já os homens de estado do Brasil se tinham apoderado do espirito de seu filho, para induzil-o a uma resistencia formal.

Do despeito de D. Pedro, da impolitica do congresso, fasendo violencia à vontade deste com a imposição de um regresso forçado, e da sua exautoração, finalmente, quanto ao governo das provincias, que lhe foram arrancadas, resultou a alliança delle com o partido, que conspirava para a emancipação definitiva do Brasil, já mui adiantada pelas franquezas commerciaes concedidas pelo rei, pelo contacto com os povos sul-americanos, e pelos precedentes de uma administração quasi autonoma.

Já em 16 de fevereiro, D. Pedro tinha convocado uma assembléa de procuradores das provincias para se fortificar na opinião publica contra os ataques do congresso, e por decreto de 3 de julho tinha convocado uma constituinte expressamente para estabelecer as bases da união dos dous paizes, quando novos conflictos com a constituinte portugueza, o decidiram à declaração de 7 de setembro de 1822, que constituiu acto formal de separação dos dous paizes.

No Ceará, onde a causa nacional tinha partidistas ousados desde 1817, estes acontecimentos produziram grande excitação, sendo mui agitadas as duas eleições, e os patriotas foram além da medida, com impaciencia desusada, proclamando (16 de outubro) a independencia, no Icó, por occasião de se reunirem n'aquella villa

os eleitores do sul da provincia. Aprisionados pela força publica e libertados pelas armas, à sua vez aprisionaram aquella n'um combate no lugar Forquilha. Depois organisaram um governo temporario, que à frente de um exercito de homens do campo e mal armados, depoz, na Fortaleza, o governo existente, de origem portugueza, e se apoderou da administração.

Nenhuma ideia havia ainda do facto occorrido em Ipiranga.

Tristão, um dos perseguidos de 1817, que jasêra muito tempo nas cadeias da Bahia, alliando-se a Filgueiras, o chefe realista d'aquelle tempo, foi o factor principal deste movimento, e com o seu novo amigo ficou dominando a provincia, em quanto o partido decahido procurava rehabilitar-se na estima do principe, protestando-lhe a sua adhesão.

Marcha de Caxias.

O successo tinha tornado os patriotas mui ousados e inquiétos, e para logo os dous chefes resolveram acceder a pedidos da provincia do Piauhy, que reclamava soccorro contra João José da Cunha Fidié, portuguez, commandante das armas, que deixando Oeiras, com uma força respeitavel reprimia os independentes, que ousavam revoltar-se contra Portugal, e fasia uma excursão militar pela provincia.

Este official, n'um comdate empenhado no lugar Genipapo (13 de março 1823) tinha infligido uma derrota aos independentes, na qual tiveram cerca de 200 homens mortos afóra prisioneiros. Já então fasia parte dos combatentes uma força de linha e milicias enviada do Ceará, sob o mando do major Luiz Rodrigues Chaves, em dezembro de 1822.

Um dos primeiros actos dos dous chefes patriotas empossados no governo da Fortaleza, foi decretarem uma expedição ao Piauhy, e no dia 29 de março deixavam a capital em marcha sobre aquella provincia, tocando na villa do Crato, para onde ordenavam que convergissem as milicias da provincia.

Bandos de homens do campo, mal armados, sem disciplina e mal aprovisionados moveram-se de todos os pontos, commandados por officiaes, que não tinham noções do serviço militar, e quando os dous chefes passaram revista a seu exercito na fronteira do Piauhy (Varzea-da-vacca) nos primeiros dias de junho, não dispunham, sinão d'uma massa informe, sem organisação militar, à guisa de um povo nomade, invadindo territorio inimigo.

Entrementes, Fidié, como que duvidando do successo de suas armas, recolhia-se à villa opulenta de Caxias, onde era numeroso e forte o partido portuguez.

Ahi o foi encontrar o exercito do Ceará, em numero approximado de 6:000 homens, limitando-se a algumas escaramuças e a um assedio que terminou pela capitulação do 1º de agosto, pela qual o chefe portuguez se entregou a Filgueiras com todo seu exercito já muito reduzido.

A exigencia de soldos, que fiseram os expedicionarios, lançando primeiramente uma contribuição sobre os habitantes de Caxias adhesos à causa de Portugal, no valor de 100 contos, e depois enviando a S. Luiz uma commissão para haver quantia superior do governo, alli installado, produziu conflictos, e aggravaram malquerenças originadas da occupação militar, tornando impopulares os patriotas cearenses.

O peior de tudo foi que o successo d'esta expedição militarisou de certo modo o partido independente e o governo da provincia, dispondo às lutas armadas, e

fundando um regimen quasi pretoriano, em vespera de acontecimentos, que importavam a quéda delles.

Republica do Equador.

Ao transpor novamente as fronteiras da provincia, os independentes recebiam a noticia da dissolução da *constituinte*, golpe de estado (12 de novembro), que devia entregal-os às mãos dos adversarios, que tinham combatido pela bandeira portugueza e constituiam agora o partido do principe, dissidente da causa nacional.

A sorpresa foi seguida de uma irritação grande, e ao espirito dos expedicionarios se communicou a revolta, que lavrava entre os patriotas da provincia.

A camara de Quixeramobim, em uma reunião de povo da villa, tinha proclamado a exautoração de Pedro I e a quéda da sua dynastia, lembrando a organisação de um governo especial para o Ceará.

Uma deputação do seio della, de que fasia parte principal o padre Gonçalo, foi ao encontro de Filgueiras e Tristão, que no seu orgulho de conquistadores acolheram esta tentação como uma esperança de rehabilitação e successo.

A provincia, no entanto, tinha estado anarchisada e quasi acéphala, pelo enfraquecimento do governo provisorio, e dissidencia de alguns de seus membros; o que déra em resultado apoderar-se do poder o partido antipatriota, apoiado no commandante da força de linha Francisco Felix de Carvalho Couto, que se tinha declarado por este.

Era grande a transformação, quando, nos ultimos dias de fevereiro, Tristão e Filgueiras se recolheram à capital; aquelle assumindo seu lugar na junta do governo, este o commando das armas.

Os patriotas procuraram firmar-se no poder, alliando-se aos de Pernambuco, que tinham aberto luta com o governo imperial, e publicaram (1 de abril) a primeira gazeta politica da provincia, de todos os modos dispondo à resistencia.

A 14 de abril, chegava ao porto do Ceará o primeiro presidente nomeado—Pedro Josè da Costa Barros; e foi o signal para começar a luta. Os portuguezes e nacionaes, que formavam o partido chamado anti-patriotico, ou *corcunda*, se amotinaram, depuseram o governo provisorio, e fiseram o novo presidente desembarcar na noite de 15 e tomar posse à mesma hora, em quanto Filgueiras, que vinha de ser nomeado commandante de armas pelo imperador, com seu collega Tristão, se refugiava em Arronches, em plena revolta.

Costa Barros, em pessoa, negociou um arranjo com os revoltosos, e estes voltaram á capital (18 de abril).

O *modus vivendi*, porém, durou apenas alguns dias. A chegada de um emissario dos patriotas de Pernambuco, as medidas de segurança que tomava o presidente, a desconfiança e o odio dos dous grupos produziram mui cêdo um segundo rompimento.

Os patriotas retiraram-se para a villa do Aquiraz, onde trataram de reunir tropas; e, em quanto isto se passava, Chaves, official de linha, nomeado para commandar esta força na capital, prendia a todos os chefes e autoridades corcundas, desarmando completamente o presidente (26 de abril).

Os rebeldes, dous dias depois, senhorearam-se da cidade, depondo e fasendo embarcar o delegado do imperador com todos os presos politicos.

Guerra civil.

D'este momento a guerra civil estava declarada, e os dous governadores trataram de organisar a resistencia, pedindo soccorros a Manoel de Carvalho, chefe rebelde de Pernambuco, mandando vir armamento dos Estados-Unidos, e tudo dispondo para os combates.

Em 8 de junho, Tristão proclamou à provincia, convidando-a a resistir ao imperador, e por toda parte foi recusada a constituição offerecida por este, pedindo-se-lhe a convocação de uma nova constituinte.

Finalmente, em 26 de agosto, foi solemnemente jurada a republica, n'um congresso de 455 eleitores, declarando-se a provincia um estado da *Confederação do Equador*, proclamada em Pernambuco, Tristão o chefe delle, e Filgueiras commandante de todas as forças da republica.

Todo o sul da provincia estava em armas, e à agitação era por toda parte.

Em setembro, Filgueiras poz-se à frente de uma força, que devia faser juncção com outras. que se reunião no Crato, para escoltar até o Recife os deputados eleitos, na provincia, para um congresso, que alli fôra convocado, e tambem para retomar, na Parahyba, o major Chaves, que, mandado em missão especial a Manoel de Carvalho, no seu trajecto, tinha sido preso.

Collocado à frente do pequeno exercito, que lhe estava preparado, e antes de encetar a marcha, Filgueiras teve de reprimir uma revolta no Jardim, onde deixou matar, a pão, numerosos prisioneiros, em desforço de barbaros assassinatos e roubos, perpetrados nos patriotas indefesos.

O exercito expedicionario foi pouco além dos limites da provincia. Depois de mortiferos combates em *Picada*, *Taboleiro-grande* e *Umary*, no primeiro dos

Camara dos Deputados

quaes perdeu um corpo inteiro de explorodores, em numero superior a 190 homens, mortos a ferro frio; retrocedeu para o Icó, e d'ahi contramarchando para o Crato, pela margem do Salgado, bateu-se encarniçadamente no *Joazeiro* e *Missão-Vélha*, e recolheu-se áquella ultima villa, que, na sua ausencia, tinha sido tomada pelos imperialistas, saqueada e em seguida abandonada. Foi o ultimo combate o de Batateiro, nas suas immediações.

As atrocidades commettidas pelos dous partidos armados eram a porfia; os prisioneiros ordinariamente passados pelas armas. No combate de Missão-Velha, 17 imperialistas foram fuzilados.

No Crato, se dispersou o exercito republicano, ficando de posse da villa a força de linha, commandada por Canuto José de Aguiar, e retirando-se em debandada para lado opposto do Araripe o commandante em chefe, o ex-constituinte Alencar, e quasi todas as summidades republicanas, que fasiam parte delle.

Em quanto Filgueiras lutava, no interior, com os imperialistas, Tristão era prevenido de que Chaves, libertando-se no Recife sob condição de faser a contra-revolução no Ceará, desembarcava no Aracaty.

Deixa em consequencia a capital aos cuidados do coronel José Felix de Azevedo e Sà, seu substituto, invéste do commando das forças restantes o coronel Antonio Beserra de Menezes, com ordem de suffocar uma revolta em Uruburetama, e vae tomar à viva força o Aracaty, contra o qual faz jogar a artilharia de campanha.

Mas, ao mesmo tempo, apresentava-se no porto da Fortaleza, lord Cockrane, com uma pequena força naval, accordava-se com José Felix e apoderava-se do governo, proclamando a concordia dos cearenses e offerecendo-lhes uma annistia em nome do imperador.

Tristão não quiz retroceder, e recusando todo conselho e protecção para pôr-se a salvo, dispoz-se a continuar a guerra civil no interior, reunindo-se ao exercito de Filgueiras, cuja desmoralisação não conhecia.

Marchando pela margem direita do Jaguariibe, em S. Rosa, foi quasi abandonado de seus officiaes, e quiz, todavia, combater. Trahido na luta e envolvido pela grande massa dos imperialistas, deixou o campo no ultimo momento, e, na fuga, foi assassinado pelos que o perseguiam (31 de outubro 1824), ficando seu cadaver, muito tempo, insepulto, e exposto ás contumélias e profanações de seus inimigos.

O ultimo feito d'armas, triste e luctuoso, d'esta luta fraticida foi a capitulação das tropas republicanas de Pernambuco, que retiravam sobre o Ceará, cogitando tambem d'uma juncção com Filgueiras. Extenuados, sangrando dos combates quasi diarios, esfaimados e desilludidos de todo auxilio por parte de seus co-religionarios do Ceará, os bravos pernambucanos viram-se inteiramente cercados, e tiveram de render-se, no lugar Juiz, ao coronel Lamenha, que os seguia desde Pernambuco, e lhes assegurava uma annistia, que, para Canéca, Agostinho Beserra e Lazaro de Souza Fontes, foi traduzida em morte affrontosa no patibulo. Só por terem fugido em caminho talvez por connivencia de Lamenha, escaparam os outros chefes.

Reacção.

Feriam-se os ultimos combates no sul da provincia, e já começava a reacção, tanto mais terrivel, quanto o epilogo da guerra civil confundia-se com os prolegomenos d'uma secca. O inverno de 1824 foi pessimo, e o de 1825 nenhum.

Foi triplice, pois, o flagello, que pésou sobre o Ceará n'esta quadra de amarguras—a guerra, a fome e a péste.

Bandos, ao principio, de fanaticos, que matavam, espancavam, prendiam ou fasiam fugir os *pedreiros livres*, depois simplesmente de malfeitores e famintos, que curavam da subsistencia pela força; um recrutamento barbaro, cujo resultado forçoso era a morte pela variola na viagem de mar, ou na Cisplatina pelo ferro, pelo cançaço, ou pelo frio, só por centesimos voltando á patria os proscriptos; execuções e rodas de páo, delações, processos, mil flagellos, emfim, assaltaram a população.

No Icó, os chefes imperialistas, formaram uma commissão de guerra, e mandaram solemnemente fuzilar, no pateo da camara municipal, a quatro patriotas (novembro de 1824), entidades aliás mui secundarias no movimento.

O governo imperial não subscreveu nem os compromissos tomados em seu nome por Lamenha, nem os que tomou o lord, alto personagem a seu serviço.

Fez o presidente deposto reassumir o governo (1 de dezembro), e para logo succeder-lhe José Felix (12 de janeiro 1824), não deixando a aquelle, sinão o tempo preciso para, n'um triste documento, indicar as victimas, cujas cabeças deviam cair.

José Felix devia, em expiação de suas allianças com Tristão, e para elidir a memoria destas, faser de simples referendario na dictadura militar, que ia seguir-se.

Em 22 de abril, dava começo ao julgamento dos republicanos uma commissão militar presidida por Conrado Jacob de Niemeyer, *carvalhista*, outr'ora em Pernambuco, que devendo dar arrhas tambem da sua conversão, pesou horrivelmente sobre o partido venci-

do, e constituiu-se pelo terror o unico poder existente na provincia.

Em meio do flagello da secca, e quando a fome começava a lançar suas garras sobre a população, foram passados pelas armas, na Fortaleza, o padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, secretario da republica, e antigo redactor do *Diario do Governo do Ceará*; e o coronel João de Andrade Pessoa Anta, chefe liberal da Granja (30 de abril 1826); Francisco Miguel Pereira Ibiapina, chefe do serviço de fasenda da republica (7 de maio); major de Milicias Luiz Ignacio de Azevedo Bolão, preso em S. Rosa (16 de maio), e o tenente-coronel de milicias Feliciano José da Silva Carapinima, mineiro, antigo secretario de Robim (28 de maio).

Muitos outros estavam condemnados à mesma pena, quando o governo imperial accordou em suspender as execuções, fasendo acceitar embargos e subjeital-os ao seu conhecimento.

Seguiram-se commutações, que separaram para sempre da provincia a muitos patriotas, e só em 20 de junho de 1826 deu por finda a sua missão o tribunal de sangue, começando a volta do governo civil. A provincia agonisava.

A secca tinha devastado horrivelmente, de parceria com a variola. Os cemiterios regorgitavam, e as estradas estavam semeadas de cruzes, assignalaudo o chão, que consumia os restos aos qne succumbiram à fome, à peste e à guerra!

Sómente o grande D. Romualdo, depois arcebispo da Bahia, se tinha lembrado de soccorrer o Ceará, promovendo, no Parà, uma avultada subscripção, que foi pessimamente applicada.

Mas o orgulho de alguns, e a piedade de poucos, já trasiam divididos os vencedores.

Sete de abril.

A tamanho desastre succedeu a atonia dos espiritos. Longo tempo se descurou de tudo, que aproveitava ao progresso moral e material, lançando raizes nos sertões a prepotencia dos homens abastados, e multiplicando-se os crimes individuaes.

O partido vencedor, dividido, disputava entre si os lugares da representação e da governança, e nenhum beneficio recolhia a provincia das novas instituições, sendo estas, ao contrario, motivo de maiores desacertos, attenta a ignorancia das classes, mesmo as mais elevadas, para interpretal-as.

Foi nos rumores, que precederam à abdicação do imperador, que resurgiu a imprensa jornalistica, afogada em sangue em 1824. Appareceram, em scena, quasi ao mesmo tempo, tres publicações destinadas à politica personalissima de então, todas pessimamente dirigidas.

O ensino publico tinha sido inteiramente esquecido, a administração da justiça fasia-se pelos processos obsolétos de Portugal, a industria não tinha recebido impulso, e o commercio continuava nos antigos moldes da colonia.

O movimento de 7 de abril de 1831 fez como que accordar o espirito publico, e a execução do Acto addicional, mais tarde veio metter a provincia na posse de si mesma, revivendo as questões de melhoramento moral e material, que tinham tido seu inicio com os primeiros governadores, e aguardavam um grande administrador, para terem as primeiras soluções.

Foi este o senador José Martiniano de Alencar, empossado em outubro de 1834.

Antes, porém, que o Ceará se encaminhasse nas

vias do progresso, causas accumuladas deviam trazer ainda graves perturbações da ordem, retardando os beneficios da liberdade.

Segunda guerra civil.

A abdicação do imperador trouxe a rehabilitação dos rebeldes de 1817 e 1824.

Retiraram-se da scena politica os dominadores de outr'ora, ou desertaram para os vencedores.

No sul da provincia, onde as agitações tinham sido mais violentas, e os odios se conservaram mais vivos, a transição pareceu uma opportunidade para vinganças, tê então impossiveis.

Os reactores de 1825 tinham se dividido. O coronel Joaquim Pinto Madeira, que tinha acarretado com a maior responsabilidade nas perseguições de então, agora, áo lado do ex-constituinte vigario do Jardim, Antonio Manoel de Souza, era o representante mais legitimo do imperialismo. e por tanto, o adversario mais exposto às vindictas.

O velho partido da republica tinha feito causa com os dissidentes, e de tal modo andava accêza a intriga local, que as populações das duas villas do Crato e do Jardim, em antagonismo desde a separação d'este ultimo termo, se tornaram inimigas acerrimas.

Immediatamente, que constou a quêda do imperador (6 de junho 1831, os velhos republicanos se amotinaram, depuseram o ouvidor da comarca, e a diversos funccionarios, que lhes eram suspeitos, e se ajustaram para faser toda violencia áos adversarios. Uma devassa, contra Pinto Madeira e seus amigos, teve começo no Crato.

Foi em resistencia a um mandado judicial, expedido d'alli, que se insurgiu a villa do Jardim.

O vice-presidente, que governava a provincia, tinha condescendido com os vencedores, e o presidente José Mariano, nomeado depois de 7 de abril, era um dos matadores do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa em 1817, para ser menos condescendente. Tomando posse em 8 de dezembro de 1831, declarou-se pelos amotinados do Crato, despresando todas as queixas dos seus adversarios, e tornando desesperada a situação d'estes.

Prevenindo que o ouvidor intruso mandasse alli prender a Pinto Madeira e seus parciaes, como ameaçava, a camara do Jardim organisou uma força para invadir o Crato, investiu aquelle chefe do commando della, e poz em susto toda comarca, quasi ao mesmo tempo que, na villa inimiga, se fasia outro tanto para a prisão de Pinto Madeira.

O exercito corcunda, deixando o Jardim, a 17 de dezembro, bateu os legalistas no Buriti, e no dia seguinte occupou o Crato, cuja população fugiu espavorida. Reforçado com novos contingentes, avançou sobre a villa do Icó, onde se accumulavam forças mandadas pelo presidente, mas foi batido no lugar Varzea-alegre (16 de fevereiro) e retrocedeu.

Então as forças legaes tomaram a offensiva, avançando em tres columnas sobre o Cariry. Uma destas foi batida na Barbalha (16 de fevereiro), retirando sobre Lavras, onde estava o quartel general. O chefe della, colhido às mãos por um piquête, foi assassinado com outros, no lugar Pavão, e os cadaveres, atirados ao rio, foram exhibir-se à força, alli em inacção. Outra columna retrocedeu do lugar Limoeiro, depois d'um ligeiro tiroteio.

Os rebeldes, soberbos deste resultado e prevendo,

que o exercito de Lavras avançasse, voltaram à sua idéa de occupar o Icó. Pinto Madeira e Antonio Manoel, à frente de uma força talvez de 5:000 homens, investiram aquella villa na manhã de 4 de abril, tomando-a e perdendo-a, no mesmo dia, em um novo combate empenhado por forças legalistas, que á tarde suspenderam sua retirada, e voltaram sobre os rebeldes, já dispersos pelas ruas, e carecidos de munição. Mais de 100 cadaveres ficaram desta luta.

O presidente chegou ao theatro da carneficina seis dias depois, e resolveu perseguir os rebeldes no fóco mesmo da rebellião. Avançando com todas as forças reunidas, deu-lhes batalha em Missão-velha (22 de junho), e os dispersou à metralha. Precedentemente, em combate parcial, tinha sido morto um dos cabecilhas da revolta no lugar Cobra (13 de junho), e posteriormente deram-se outros: em 30 de junho entre as forças ao mando de Canuto e José Dantas Rothéa, auxiliar de Pinto Madeira, em S. João, no termo do Rio-do-peixe; em S. Catharina a 15 de julho; no Brejo a 25; em Cacaré a 29.

A revolta estava morta, mas palpitava, quando, em 4 de setembro, o presidente passou o commando em chefe das forças ao brigadeiro Pedro Labatut, que tinha chegado ao Icó, enviado do Rio de Janeiro com um corpo pouco numeroso, mas bem organisado.

Este general condemnou a conducta do governo provincial, e a dos seus amigos, e se propoz a pacificar a região, promettendo segurança de vida aos rebeldes.

No dia 12 de outubro, Pinto Madeira e Antonio Manoel, com cerca de 1:000 homens, foram-se-lhe apresentar no seu acampamento do Correntinho, e o general, para salvál-o do furor dos vencedores, os fez seguir para Pernambuco, pretendendo que o presidente

d'aquella provincia os fizesse apresentar ao governo no Rio de Janeiro.

A conducta do general o perdeu na estima dos vencedores, tornando-o victima de accusações as mais violentas e injuriosas.

A revolta não se irradiou alèm dos limites do Jardim, abrangendo Missão-velha, Barbalha e Milagres.

Houve ainda levantamentos em S. Matheus, e no Rio-do-peixe, da Parahyba.

Os antigos co-religionarios de Pinto Madeira, no resto da provincia, assistiram impassiveis a esta luta sangrenta, quando não intervinham pelo governo.

Tyrannia judiciaria.

A luta aberta com Labatut dividiu os vencedores, e produziu para os vencidos uma diversão salutar. Sem a interposição delle, não se póde prever até onde iria a reacção. Este incidente poz termo às devastações, e fez convergir para a pessoa do general grande parte das malquerenças da quadra.

Labatut foi demittido acintosamente; mas já tinha desarmado de todo aquella parte da provincia, e os presos, que enchiam as cadeias publicas, achavam-se em melhores condições de defesa.

Todavia, não aproveitou a sua promessa de amnistia, d'esta vez, por que, além da esquivança do governo imperial, começava um despotismo novo e mais perigoso com a reforma da legislação criminal, que entrava em execução.

Em 16 de dezembro de 1830, tinha sido abrogada a velha lei penal das ordenações portuguezas; e promulgado, em 29 de novembro de 1832, o codigo de instruc-

ção criminal, que creou o jury, e investiu os juizes de paz de attribuições as mais perigosas.

Os ensaios da nova legislação foram abusos de todo genero, e crearam na provincia a anarchia judicial, com todos os seus perigos para a segurança individual.

Pela inauguração do jury e pela investidura daquelles juizes electivos na jurisdicção criminal, as localidades desprenderam-se demasiadamente dos centros de governo, ficando à mercê dos mais audases ou dos mais poderosos. Então, o juiz constituiu-se um flagello e causa primordial de crimes espantosos.

Até a segunda reforma (3 de dezembro de 1841), o seu desenfreamento produziu um regimen de verdadeiro terror. A autoridade criminal andava envolvida em quasi todos os crimes, aliàs mais numerosos, que nunca, ora fasendo victimas, ora expiando as suas malversações às mãos dos assassinos. Bandos de malfeitores talavam a provincia, de ordinario ao serviço ou sob protecção dos juizes, algumas vezes matando a estes. A' anarchia succumbiam grandes e pequenos.

O jury de Quixeramobim, (15 de março de 1834) presidido por Antonio Duarte de Queiroz, condemnou à morte Estacio José da Gama, assassino de um parente daquelle, e antes de 24 horas, o infeliz era inforcado, não lhe aproveitando nenhum recurso da lei.

No Crato, Pinto Madeira, condemnado à morte a 26 de novembro do mesmo anno, n'um jury presidido por seu inimigo José Victoriano Maciel, era fuzilado tres dias depois; e logo a 5 de dezembro, José Mariano, um dos seus sequases, tinha a mesma sorte, perecendo na forca, sem que nem a um, nem outro aproveitassem os recursos legaes.

Prescindindo de fasel-os julgar pelo crime da revolta, os vencedores fasião-nos morrer por assassinatos occorridos durante ella.

Pinto Madeira tinha andado, todo tempo, preso por Pernambuco e Maranhão. Remettido pára o Crato pelo presidente Alencar, com numerosa escolta commandada pelo seu ajudante de ordens, foi executado por esta, e com assistencia d'aquelle.

Ainda, na mesma villa, foi levado à forca (30 de janeiro de 1836) João Martins da Silva, que se salvou, visivelmente, por trama do juiz executor, o qual protellou o supplicio e o evitou, pretextando ter-se quebrado a corda.

Em S. Matheus, era tambem condemnado à morte João André Teixeira Mendes, e negaram-se-lhe todos os recursos, devendo sua salvação a um poderoso do termo.

Emfim, o assassinato juridico, e a vingança individual, ao mesmo tempo que as absolvições escandalosas, produziram tantos crimes na provincia, como a guerra civil mais intensa; e foi este o acolhimento feito à lei, com que se pretendia acrescer às liberdades publicas, n'um paiz que té então havia estado à discrição dos governos. O despotismo d'estes, por tanto, veio a parecer menos cruel, do que a anarchia reinante.

O brado das victimas fez intervir o governo; mas, por algum tempo ainda, o jury trouxe erguido o cadafalso na provincia.

Muitos captivos, que attentaram ou se defenderam contra seus senhores, foram enforcados sem nenhuma piedade nem recurso, deixando sobretudo impressão duradora a execução, na capital, ao mesmo tempo (22 de outubro 1839) de seis escravos innocentes

ou culpados, que fasiam parte da tripolação do brigue *Laura*, a qual, em revolta, tinha morto o respectivo capitão; espectaculo barbaro, de que não deixou exemplo a velha capitania.

Quéda dos abrilistas. Maioridade.

Logo em seguimento à pacificação do Cariry, o antigo commandante em chefe das forças legalistas major Francisco Xavier Torres, à frente da tropa amotinada, tentou, na capital, depor o presidente José Mariano (10 de novembro 1833).

O presidente, que lhe succedeu, tenente-coronel Ignacio Correia de Vasconcellos, teve necessidade de transportar-se até a villa do Crato (janeiro de 1834), onde a ordem publica corria perigo. Grupos de partidistas de Pinto Madeira ameaçavam novas desordens, e em novembro ultimo, um dos seus caudilhos, José Machado do Nascimento, tinha atacado a povoação de Missão-velha, tomando-a e debandando um destacamento de 1ª linha.

Finalmente, o senador Alencar, derradeiro presidente da situação abrilista, teve de lutar contra a ferocidade dos potentados do interior da provincia, a quem pretendeu domar, fasendo perseguil-os por todos os meios a seu alcance, notadamente os Moirões, familia que se tinha constituido um terror no norte da provincia.

Sempre de agitações, os nove annos, que precederam à declaração de maioridade do imperador, constituiram todavia um periodo de gestação.

No meio d'esta anarchia, executava-se o Acto Addicional, que tinha alargado a esphera de acção das

provincias, e o eminente administrador lançava os fundamentos do progresso moral e material do Ceará, ensaiando, com grande intuição do futuro, quantos melhoramentos a provincia mais tarde veiu a considerar como indispensaveis à sua civilisação.

Vias de communicação e transporte, instituições de credito, lavoura, colonisação, postos, açudagem, aclimação de animaes, associação de capitaes, encanamento d'agua potavel e illuminação para a capital, tudo emfim, quanto se tem realisado em meio seculo, ou se tenta ainda realisar, foi por elle iniciado com uma precisão e perspicacia admiravel.

Nos seus trabalhos, porém, veiu surprendel-o a quéda do regente Feijó, e por tanto dos seus amigos politicos.

Um numeroso partido de opposição, que sua politica de repressão tinha creado, lançando-se nas vias tortuosas da reacção veiu retardar a sua obra.

Os tres presidentes, que lhe succederam, occuparam-se quasi exclusivamente da estirpação do partido que deixava o governo, sendo que os dous ultimos tiveram tambem que attender à guerra civil, que, do Piauhy, se propagava ao Ceará pela linha divisoria da Ibiapaba.

Os *balaios*, fanaticos e embrutecidos camponezes d'aquella provincia, e do Maranhão, que se batiam, ha longo tempo, com a autoridade, em fins de 1839 se approximaram do Ceará, em bandos perseguidos pela força ao mando do coronel Cid. e de outros, que não lhes davam quartel.

As tropas do Ceará, tratando-os do mesmo modo, como homens fóra da lei, lhes fiseram matança cruel, em Bebedor, Frecheiras, Buriti, Mombaba e Contendas. A luta perpetuava-se pelo desespero, em que

eram collocados os perseguidos, suspeitando-se novos inimigos, onde não havia, sinão grupos de familias, que fugiam ás vexações dos legalistas.

Proseguiam as correrias, quando a declaração da maioridade do imperador (23 de julho 1840), mudou a face dos acontecimentos, fazendo voltar ao governo da provincia o senador Alencar.

Os seus adversarios o receberam com as armas nas mãos.

A força occupada ainda na perseguição dos *balaios*, e mandada recolher à capital, obstinou-se em continuar suas malversações.

Para chamal-a à obediencia, o presidente foi obrigado a dirigir-se à villa de Sobral; mas, recolhendo-se alli parte d'aquellas tropas, insurgiu-se sob o commando ainda do major Torres, e atacou-o na sua propria residencia, seguindo-se um combate, que durou toda noite de 14 de dezembro de 1840, e só terminou pela fuga dos revoltosos.

Dez dias depois, a villa do Aracaty era tambem investida por um numeroso bando de opposicionistas da villa de S. Bernardo, empenhando-se um combate, do qual resultaram seis mortes e numerosos ferimentos. Tres dias apoz, a povoação de Cascavel foi igualmente investida por elles, havendo cinco mortes.

A revolta ergueu o collo tambem no Icó, Quixeramobim e Baturité; mas, aos primeiros movimentos, o presidente oppoz forças respeitaveis, que contiveram os amotinados.

Apenas, porém, começava a pacificação geral da provincia, a retirada do primeiro ministerio do joven imperador (23 de março 1841) fez os rebeldes da vespera assumirem o governo da provincia, dando ensejo a uma reacção espantosa.

Vinganças politicas. Reforma judiciaria. Sêcca.

Foram tremendas as vinganças, que se seguiram á quéda dos amigos do presidente Alencar, sendo mais notavel o recrutamento, que não distinguia nem edades, nem collocação social; os espancamentos em diversos pontos da provincia, e finalmente o assassinato do vice-presidente João Facundo de Castro Menezes, chefe liberal da provincia, e do rico proprietario José Simões Branquinho, em Cascavel.

Uma suspeita de que a viuva de Facundo e alguns parentes meditavam vingar-se na pessoa do presidente, brigadeiro José Joaquim Coelho, produziu um processo, que os reteve nas prisões por muito tempo.

Os opposicionistas tentaram uma revolta, da qual a villa do Exú devia ser o fóco; e o presidente chegou a pôr-se a caminho, para ir faser-lhes frente. Para logo, porém, dissipou-se todo receio por ter faltado aos conspiradores o apoio da população.

Começava, entretanto, a execução da lei de 3 de dezembro de 1841, que reorganisou a policia do imperio, em ordem a armar o governo de grandes meios de compressão. Os agentes, de sua nomeação, ficavam accumulando funcções judiciarias.

Os abusos, em começo desta lei, foram compensados soffrivelmente, quando os administradores da provincia, adquerindo, á mercé della, uma influencia decisiva sobre os partidos, emprehenderam acabar com os potentados do interior, perseguindo-os a todo transe; politica salutar, que se inaugurou com o governo do Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.

Mas os desentimentos dos proprios vencedores entre si, em consequencia da procura excessiva dos

cargos e distinções, armaram, como de outras vezes, a uns contra outros, resultando que foram ensanguentadas as eleições de 1844.

Era a primeira vez que se dava este escandalo.

Nas ruas do Aracaty houve um combate mortifero entre os que concorrião às urnas.

A sêcca de 1845 veio como que chamar a attenção da população para outra ordem de interesses. Este flagello determinou somente uma emigração pouco numerosa do interior para o litoral, e a perda quasi total dos gados da provincia; o que obrigou parte da população a occupar-se da agricultura, deixando a criação, que tinha sido a industria quasi exclusiva do Ceará.

Após esta sêcca, começou o plantio do café e da canna para o commercio estrangeiro.

Não se deram obitos pela fome, apesar de serem escassos os recursos, com que o governo e as provincias mandaram soccorrer a população. A febre typhica, porém, fez muitas victimas.

Influencia da imprensa. Os criminosos. Morticinios eleitoraes,

A acção combinada da autoridade e da imprensa, que foi como uma valvula para os odios individuaes, e a maior diffusão do ensino operaram nos costumes, a partir de 1850, uma transformação sensivel e o desarmamento dos sertões. O assassinato e as violencias de todo genero, com que os poderosos, muito tempo, se fiseram temer, quase desappareceram, para darem lugar a outras manifestações da indole do cearense, ardente e predisposta aos perigos e às aventuras.

A politica foi, algum tempo, o terreno exclusivo para exercitar-se a sua actividade; e disto resultou muita desordem nas eleições de 1852 a 1860.

Depois, esta exuberancia de vida como que se converteu n'uma paixão pelo trabalho, e veio levantar o nivel moral da população.

A riqueza publica recebeu grande impulso, de 1854 por diante. O commercio se dilatou consideravelmente, estabelecendo-se relações mais frequentes entre a Fortaleza e os grandes mercados europeus. Em 1854, começou a navegação à vapor para Pernambuco, em 1860 para o Maranhão, e em 1866 para Liverpool.

A exportação e importação apresentavam augmento consideravel em 1875.

Algumas cifras exprimem o seu desenvolvimento.

Exportação directa

1845	valor official. . . .	222:461$000 rs.
1875	« «	3.260:379$000 «

Importação directa

1845	valor official. . . .	108:645$000 rs.
1875	« «	2.882:841$000 «

População.

1775.—Varnhagen attribue ao Ceará, n'este anno, uma população de 34:000 habitantes.

1808.—O recenseamento, procedido pelo governador Barba Alardo, apresentou 125:878, sendo :

Na bacia do Jaguaribe.	78:779
No resto da capitania.	47:099

O governador, porém, achava dificientes os arrolamentos, e opinava que a cifra total era de 150:000.

1810.—Pisarro deu a população da capitania, n'este anno, como sendo de 130:000 habitantes.

1812.—O recenseamento, procedido pelo governador Sampaio apresentou 149:285, divididos assim :

Na bacia do Jaguaribe, ...	81:907
No resto da capitania	67:373

1819.—O desembargador Velloso pretendia que, n'este anno, havia 201:170.

1835.—Os arrolamentos parciaes do presidente Alencar consignaram 240:000.

1857.—Trabalhos identicos, na administração do Dr. João Silveira de Souza, deram 486:208.

1860.—O senador Pompeu verificou a existencia de 504:000.

1872.—O recenseamento do governo achou 721:686.

A crescentando para as deficiencias evidentissimas d'este algarismo, a quota minima de 10 por cento, como na Belgica e outros paizes, onde a contagem se faz com mais exactidão, acha-se, em 1872, uma população nunca inferior a 793:854.

Acceitando este calculo, e adoptando a regra de Malthus, que uma população, com meios regulares de subsistencia, duplica em 25 annos; chega-se à conclusão de que a população do Ceará, em 1875 era de 900:000 almas, nunca menos.

O Ceará foi assolado pela febre amarella em 1851, e pelo cholera em 1862, perdendo desta vez cerca de 11:000 habitantes. Ainda em 1864, esta epidemia grassou em alguns pontos da provincia, com intensidade menor, e caracter mais benigno.

FIM.

APPENDICE.

Governo do Ceará.

Até a invasão dos hollandezes.

1	Pedro Coelho de Souza	(começa)		1603
2	Martins Soares Moreno	«		1609
3	Manoel de Britto Freire	«		1613
4	Estevão de Campos	«		1614
5	Martins Soares Moreno	«		1624
6	Domingos da Veiga Cabral	«		1631
7	Bartholomeu de Britto	«		1637

Na primeira expulsão dos hollandezes.

8	Estevão de Campos Moreno (*)	«		1644

Desde a segunda expulsão dos hollandezes até a creação da primeira villa.

9	Alvaro de Azevedo Botelho	(começa)	20 Maio	1654
10	Diogo Coelho de Albuquerque	«		1660
11	João de Mello de Gusmão	«	14 Dezbro	1663
12	João Tavares de Almeida	(patente)	24 Março	1667
13	Jorge Correia da Silva	(actos desde)	21 Julho	1671

(*) Parece que Estevão de Campos foi capitão-mór do Ceará por delegação do governo do Maranhão, antes de Alvaro Botelho, que veiu occupar o Ceará por parte dos restauradores de Pernambuco, após a capitulação do Recife.

14	Bento Correia de Figueiredo	(acto conhecido)	21 Novbro	1674
15	Sebastião de Sá	(actos desde)	25 Setbro	1678
16	Bento de Macedo Farias	«	8 Novbro	1682
17	Thomé Cabral de Olival	«	12 Janeiro	1689
18	Fernão Carrilho	«	22 Fevero	1694
19	Pedro Lelou	«	1 Dezbro	1695
20	João de Freitas Cunha	«	9 Outbro	1696
21	Antonio Pinto Pereira	«	4 Novbro	1698
22	Francisco Gil Ribeiro	«	... Novbro	1699

Depois da creação da primeira villa.

23	Jorge de Barros Leite	(posse)	23 Dezbro	1702
24	João da Motta	(actos desde)	25 Dezbro	1704
25	Gabriel da Silva Lagos	(posse)	7 Janeiro	1706
26	Francisco Duarte de Vasconcellos	«	25 Agosto	1710
27	Placido de Azevedo Falcão	«	8 Outbro	1713
28	Manoel da Fonseca Jaime	«	30 Agosto	1715
29	Salvador Alves da Silva	«	1 Novbro	1718
30	Manoel Francez	«	9 Novbro	1721
31	João Baptista Furtado	«	11 Janeiro	1727
32	Lionel de Abreu Lima	«	3 Fevero	1731
33	Domingos Simões Jordão	«	11 Março	1735
34	Francisco Ximenes de Aragão	«	7 Setbro	1739
35	João de Teive Barreto de Menezes	«	2 Fevero	1743
36	Francisco da Costa	«	7 Agosto	1746
37	Pedro de Moraes Magalhães	«	10 Outbro	1748
38	Luiz Quaresma Dourado	«	19 Agosto	1751
39	Francisco Xavier de Miranda Henrique	«	22 Abril	1755
40	João Balthazar de Quevêdo Homem de Magalhães	«	11 Janeiro	1759

41 Antonio José Victoriano Borges da Fonseca (posse) 25 Abril 1756
42 João Baptista de Azevedo Coitinho Montaury « 10 Maio 1782
43 Luiz da Motta Féo e Torres « 9 Novbro 1789

Depois de separado o Ceará da capitania geral de Pernambuco.

44 Bernardo Manoel de Vasconcellos (posse) 28 Setbro 1799
45 João Carlos Augusto de Oeyausen e Grewenbourg, depois marquez do Aracaty « 13 Novbro 1803
46 Luiz Barba Alardo de Menezes « 21 Janeiro 1808
47 Manoel Ignacio de Sampaio « 19 Março 1812
48 Francisco Alberto Robim « 13 Julho 1820

GOVERNO TEMPORARIO.—Major Francisco Xavier Torres, P., Adriano José Lial, vigario Antonio José Moreira, José Antonio Machado, Mariano Gomes da Silva, Marcos Antonio Bricio, ouvidor José Raimundo do Paço de Porbem Barbosa, e Henrique José Lial (posse) 13 Julho 1820

GOVERNO PROVISORIO.—José Raimundo do Paço de Porbem Barbosa, P., padre Francisco Gonçalves Pinheiro de Magalhães, Mariano Gomes da Silva, José de Agrella Jardim, e José de Castro e Silva (posse) 15 Janeiro 1822

GOVERNO TEMPORARIO.—José Pereira Filgueiras, P., padre José Joaquim Xavier Sobreira, Joaquim Felicio Pinto de Almeida e Castro, Francisco Fernandes Vieira, e padre Antonio Manoel de Souza (posse) 23 Janeiro 1823

GOVERNO PROVISORIO.—Padre Francisco Pinheiro Landim, P., Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, Joaquim Felicio Pinto de Almeida e Castro, padre Vicente José Pereira, e Miguel Antonio da Rocha Lima (posse) 4 Março 1823

Presidente da Republica—Tristão 26 Agosto 1824

	Presidentes	(posse)
1	Coronel José Felix de Azevedo e Sà	13 Janeiro 1825
2	Coronel Antonio de Salles Nunes Berford	4 Fevereiro 1826
3	Marechal de campo Manoel Joaquim Pereira da Silva	6 Abril 1829
4	José Mariano de Albuquerque Cavalcante	8 Dezembro 1831
5	Tenente-coronel Ignacio Correia de Vasconcellos	26 Novembro 1833
6	P.e José Martiniano de Alencar	6 Outubro 1834
7	Capitão Manoel Felisardo de Souza e Mello	16 Dezembro 1837
8	Bacharel João Antonio de Miranda	15 Fevereiro 1839
9	Bacharel Francisco de Souza Martins	3 Fevereiro 1840
10	P.e Josè Martiniano de Alencar	20 Outubro 1840
11	Brigadeiro José Joaquim Coelho	9 Maio 1841
12	« Dr. José Maria da Silva Bitancourt	2 Abril 1843
13	Tenente-coronel Ignacio Correia de Vasconcellos	4 Dezembro 1844
14	Dr. Casimiro José de Moraes Sarmento	14 Outubro 1847

	Presidentes	(posse)
15	Bacharel Fausto Augusto de Aguiar	13 Maio 1848
16	Bacharel Ignacio Francisco Silveira da Motta	16 Novembro 1850
17	Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego	6 Julho 1851
18	Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares	28 Abril 1853
19	Padre Vicente Pires da Motta	20 Fevereiro 1854
20	Bacharel Francisco Xavier Paes Barreto	13 Outubro 1855
21	Dr. João Silveira de Souza	27 Julho 1857
22	Bacharel Antonio Marcellino Nunes Gonçalves	7 Outubro 1859
23	Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo	6 Maio 1861
24	Bacharel José Bento da Cunha e Figueiredo Junior	5 Maio 1862
25	Bacharel Lafayette Rodrigues Pereira	4 Abril 1864
26	Bacharel Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello	10 Junho 1865
27	Tenente-coronel João de Souza Mello e Alvim	6 Outubro 1866
28	Bacharel Pedro Leão Velloso	16 Outubro 1867
29	« Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque	27 Agosto 1868
30	Desembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques	26 Julho 1869
31	Bacharel José Fernandes da Costa Pereira Junior	20 Janeiro 1871
32	Barão de Taquary (José Antonio Calazans Rodrigues)	29 Junho 1871

	Presidentes	(posse)
33	João Wilkens de Mattos	12 Janeiro 1872
34	Desembargador Francisco de Assis Oliveira Maciel	7 Dezembro 1872
35	Dr. Francisco Teixeira de Sá	13 Novembro 1863
36	Dr. Heraclito de Alencastro Pereira da Graça	23 Outubro 1874
37	Desembargador Francisco de Farias Lemos	22 Março 1877
38	Desembargador Caetano Estellita Cavalcante Pessoa	10 Janeiro 1877
39	Conselheiro João José Ferreira de Aguiar	23 Novembro 1877
40	Dr. José Julio de Albuquerque Barros	4 Março 1878
41	Conselheiro André Augusto de Padua Fleury	2 Julho 1880
42	Senador Pedro Leão Velloso	1 Abril 1881
43	Dr. Sancho de Barros Pimentel	22 Março 1882
44	Dr. Domingos Antonio Rayol	12 Dezembro 1882
45	Dr. Satyro de Souza Dias	21 Agosto 1883
46	Carlos Honorio Benedicto Ottoni	12 Julho 1884
47	Conselheiro Sinval Odorico de Moura	19 Fevereiro 1885
48	Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida	1 Outubro 1885